

A pandemia e o eterno retorno

Julio Frochtengarten^[1]

RESUMO: O autor se propõe, através de algumas notas, a fazer um exame, com referencial psicanalítico, do que vem podendo observar no atual período de pandemia provocada pelo Sars-CoV-2. Essas notas apontam para alguns elementos invariantes que o autor identifica na condição humana, tanto em períodos anteriores como durante a pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: cesura, pandemia, invariante psicanalítica, dor mental, desmoronamento psíquico

1. Médico e psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Tem misericórdia de mim, ó Deus, por teu amor;
por tua grande compaixão, apaga as minhas transgressões.

– *Bíblia Sagrada*, Salmo 51:1

De início é preciso avisar que escrevo do Brasil, em 2021, depois de já termos ultrapassado há muito um primeiro ano de pandemia, desde março deste ano. E não deixo de pensar: nada de novo tem acontecido neste mundo. Antes que o leitor abandone este pequeno texto por considerá-lo fruto de mais uma mente negacionista,^[2] dessas que têm proliferado por aí e das quais temos notícia todos os dias através da imprensa, rogo-lhe que me dê uma chance de explicar o que quero dizer com “nada de novo” no mundo.

A vida física continua para a maior parte da população – por enquanto. Mas, certamente, em outro ritmo. Estando invictos até aqui, e enquanto os cuidados pessoais e uma boa dose de intervenção do acaso têm-nos favorecido a sobrevivência, talvez já seja possível, e mesmo necessário, nos aventurarmos a algumas notas do que vamos observando a partir de um vértice psicanalítico. “Diante da morte do Brasil só nos resta, paradoxalmente, a vida. Viver é a nossa mais subversiva tarefa” (Simas, 2021).

O mencionado acaso já seria um primeiro elemento a considerar: conhecemos muitos casos de infectados pelo (ainda?) novo coronavírus, sabemos que muitos, apesar dos cuidados, são também acometidos pela Covid-19, e muitos desses terminam esse penoso processo sem vida. É, então, possível que haja aí uma intervenção do acaso, embora não propriamente uma escolha divina ou do próprio vírus, como a mente messiânica tende a acreditar e nos fazer crer para se manter, mesmo que à custa de uma precária organização frente ao mundo.

Nesse sentido, a ameaça de desmoronamento e um vigor limitado nos obrigam a conviver, diuturnamente, com limites da nossa potência em relação ao todo do que se nos apresenta no mundo e em nós mesmos. E se essa ameaça não era tão reconhecida como agora – afinal, ela habita o homem desde que o mundo é mundo –, é porque andava travestida como uma irmã gêmea, a pretensa onipotência. Assim, ultimamente ambas têm mostrado as caras nessa Guerra dos Contrários.^[3]

Mas a impotência não se mostrou a partir do nada. Ela veio sendo anunciada por milhares de mortos só no país, e no mundo por milhões que tiveram destino igual; pelo colapso do sistema hospitalar; pela falta de cuidados médicos com os agonizantes; pela crise do desemprego e da economia. Esse é o quadro vigente agora, pois alguns anunciam para logo mais outras tragédias subsequentes ao atual momento. Essa situação nos lembra que somos mortais, que não sabemos tudo sobre o que existe na Terra – quantos de nós aceitávamos reconhecer tais incompletudes ao invés de acreditar saber e dominar, com inteligência e astúcia, tudo de novo que pudesse

2. Negacionismo não só como ignorância, mas como ódio ao pensamento, sem distinção entre verdadeiro e falso.

3. Referência à Guerra Original na qual Satã é confrontado com a beleza do mundo que ele ousou penetrar (Milton, 2015).

aparecer? Então aparece um bichinho “burro”, que não tem nossas riquezas nem nossa inteligência e que, apenas para sobreviver e se multiplicar, nos mata aos milhões. Quem podia, ou queria, ou tinha disposição para suportar a ideia de que poderiam existir recursos para sobreviver que não se nos mostram disponíveis? Quem queria lembrar que a enorme capacidade de se multiplicar ou mutar pode ser uma forma de riqueza quando o foco da questão é a sobrevivência? Quanta arrogância do ser humano em não abrir mão da onipotência e onisciência nas quais assentamos nosso modo de vida! E quão doloroso é nos darmos conta de tudo isso tardiamente. Enfim, pode-se dizer que, com a pandemia, pela sua importância para os humanos, adentramos de vez o século XXI.

Habitamos este mundo e, à custa de uma enorme recusa sustentada por alucinações seculares, acreditávamos que éramos únicos, o supremo *Homo sapiens*. Diante da tormenta da atual pandemia estamos, como nunca, tendo que nos lembrar que podemos ser estúpidos, *Homo stultus*. É curioso e ao mesmo tempo assombroso constatar que esse recorrente fenômeno de apagamento e retorno da consciência, atravessado pela dor, não ocorre pela primeira vez – se não exatamente igual, de forma muito similar: afinal, a humanidade já conheceu peste negra, varíola, cólera, gripe espanhola e gripe suína, para ficar entre as mais marcantes em número de mortes. Entre as mencionadas, embora a gripe suína tenha sido a que atingiu fatalmente o menor número de pessoas (16 mil), ela é bastante recente numa escala de tempo (2009); já a gripe espanhola, causada pelo vírus influenza, apesar de ser mais antiga – entre 1918 e 1920 –, atingiu fatalmente 40 a 50 milhões de pessoas. Esses dois exemplos mostram que nem o poder devastador nem a antiguidade na linha do tempo nos fizeram aprender muito sobre o funcionamento psíquico do homem e para o homem, vencido agora pela explosão da tragédia – apesar da aquisição de significativos conhecimentos científicos, como o uso de máscaras, dados sobre imunidade “de rebanho”, medidas sanitárias eficazes. Possível ou provavelmente, outras pandemias virão até o dia em que talvez sejamos extintos como espécie. Esse é um pensamento que parece pouco nos ocorrer, mas seria de se indagar: por que crer que, enquanto espécie, viveremos para sempre? Ainda é razoável sustentar que tal extinção dos humanos nunca irá acontecer?

O que procuro assinalar, através das comparações entre as pandemias, é que nem a passagem do tempo nem o poder devastador tiveram eficiência para nos proporcionar aprendizado com as experiências, sustentando um eterno retorno ao domínio da mente alucinatória, que não indaga e confronta a realidade do mundo com a realidade do “pensamento”. Desse modo, apesar do precipitado de fatos, vai se postergando, indefinidamente, um dar-nos conta consequente e responsável de nossa condição humana, em todos os sentidos limitada e precária. Não há nenhum mérito em sentir-se frágil, fraco, vulnerável ou ignorante; mas, se mérito houvesse, seria pela abertura para eventuais ganhos em evolução, crescimento e sabedoria – enfim, em verdade – que o pensamento pode trazer, individualmente e para toda humanidade, quando nos permitimos reconhecer e aceitar o real tamanho e lugar

que ocupamos no universo. O historiador Samuel Johnson escreveu, em carta ao escritor Bennet Langton, em 1758 (citado por Bion, 1991/2000):

Não sei se ver a vida tal como ela é irá nos trazer um grande consolo; mas o consolo que é extraído da verdade, caso haja algum, é sólido e durável; aquele consolo que deriva do erro deve ser, como o seu original, falacioso e fugidio. (p. 126)

Afinal, mal ou bem, aprendemos a reconhecer os sintomas específicos da Covid-19, parte do patrimônio genético do Sars-CoV-2 já foi mapeado, surgiram novos conhecimentos sobre sua disseminação, tratamentos médicos foram descobertos quase empiricamente e, finalmente, estão aí diversas vacinas desenvolvidas em tempo recorde na história; isso é ciência, não simplesmente tecnologia. E sobre nós mesmos, seres humanos, o que aprendemos?

Há amplas gradações que observamos na clínica, em nós, ao nosso redor, da impotência à onipotência, da absoluta ignorância à onisciência, das incertezas às certezas, do colapso do funcionamento mental à sua estruturação rígida, da catástrofe mental à fé, do determinismo ao acaso, do pensar ao alucinar. Percorremos esses amplos espectros através de trânsitos e cesuras (Bion, 1981) ou, então, recorrendo a cisões radicais. Se, por um lado, cesuras e trânsito entre polos extremos podem trazer amplitude de experiências emocionais e mentais, por outro, cisões nos fazem pensar em empobrecimento: num dos polos, o desmoronamento da capacidade para pensar; no outro, o tropeçar incessante em falsas controvérsias, que só contribuem para o retrocesso do pensamento. Sabemos que a luta entre o que denominamos pulsões de vida e de morte, ou que podemos vislumbrar como luz e treva, é permanente; mas em nome de qual dessas forças cada um de nós se move?

Como psicanalistas, sabemos quanto o novo que se impõe a nós como experiência e não é identificado, não é nomeado, desencadeia desamparo e terror. Ser reconhecido como novo, ser nomeado, pode ser parte do caminho que se abre para o pensamento e a sabedoria (Bion, 1962); ou, então, apenas um modo de absorver a experiência nova e evitar mudanças, esquecendo-as e não permitindo que se acumulem e se integrem ao trabalho do conhecer. Mais um par dos espectros possíveis: o nome-coisa e o nome-representação da experiência.

Se não somos senhores da criação, será que nunca vamos nos dar conta, de forma consistente e duradoura, de que também não somos senhores da nossa Terra? Nós apenas a habitamos e não podemos nos comportar como predadores que vão alterando seu habitat para atender apenas às suas próprias necessidades. A realidade nos mostra que alguns povos têm sido mais favorecidos pela natureza; ou que têm tido maior talento e sorte no trabalho em suas terras; ou maior sagacidade para escolhas responsáveis de seus dirigentes. Há tempos não tínhamos um choque tão profundo e duradouro quanto este da pandemia para pensarmos o individualismo que prevalece em detrimento da solidariedade e respeito para com as diferenças sociais e culturais entre os povos.

A partir do vértice psicanalítico que venho levando em conta aqui, nada de novo está acontecendo em nosso mundo. Mentiras, crueldade, inveja, rivalidades; desejos de onisciência e onipotência, assim como seus simétricos: a impotência; a arrogância frente ao que não sabemos, à fragilidade e à mortalidade; o descuido com as desigualdades sociais, culturais, econômicas. Todos esses fatos são velhos conhecidos nossos. Afinal, como afirmou Hannah Arendt (1951/1989), em tempos sombrios, as piores pessoas acabam por perder o medo, e as melhores perdem as esperanças.

O atual momento parece que nos trouxe “apenas” um recrudescimento desses caracteres e sentimentos; “apenas” entre aspas porque o preço a pagar tem sido altíssimo – as perdas são para sempre – e também porque estamos no olho do furacão, no centro de experiências emocionais poderosíssimas, e não lendo notícias sobre um furacão que passou e a devastação que deixou. É interessante o que parece ter ocorrido com Freud ao viver, ele mesmo, em 1920, “na carne”, como experiência, a perda de sua filha Sophie, acometida pela gripe espanhola. Em carta ao amigo Ludwig Binswanger, ele escreveu, reformulando as ideias de elaboração e superação do luto que havia publicado apenas três anos antes:

Eu trabalho o máximo que posso e sou grato pelo que tenho. Mas a perda de um filho parece ser uma lesão grave. O que é conhecido como luto provavelmente durará muito tempo... Sabemos que a dor aguda que sentimos após uma perda continuará e também permanecerá inconsolável e nunca encontraremos um substituto. Não importa o que aconteça, não importa o que façamos, a dor está sempre lá. E é assim que deve ser. É a única maneira de perpetuar um amor que não queremos abandonar. (Freud, 1929, citado por Muscillo, 2020, pará. 12, trad. M. T. Verdi)

Pergunto-me se essa dor será, quando possível sofrê-la – não apenas senti-la –, uma força para combater as cisões e para que a luz possa vencer a treva nessa batalha recorrente em nós. Mas ainda é cedo para nos aventurarmos numa resposta.

Se o leitor chegou até aqui, talvez tenha se visto retratado na descrição que fiz do que vi em meu próprio espelho e em torno de mim nestes últimos tempos. Apesar disso, devo dizer que tenho esperanças na humanidade. Aplico para mim a definição de *si mesmo* que ouvi da boca de Ariano Suassuna (comunicação em evento, 2012): “os otimistas são ingênuos; os pessimistas são amargos; então tenho que dizer que sou um realista esperançoso”. Não acredito que vamos, desta vez, sofrer uma virada e aprender tudo que a catástrofe deste momento poderia nos trazer; e também não acredito que aquilo que pudermos aprender será uma conquista permanente. No século XVII, Thomas Hobbes (1951/2020), presenciando os problemas bélicos que envolviam a Coroa, popularizou a expressão do dramaturgo romano Plautus de que *o homem é o lobo do homem*. Essa afirmação foi mais tarde utilizada por Freud (1929/1996) como ilustração da proposição da existência de um instinto de morte e de destrutividade no coração do homem, e também no exame de seus desdobramentos no mal-estar e no descontentamento no âmbito da cultura e da civilização. Também

temos encontrado na clínica cotidiana, nos relatos e nos livros, muitas constatações e formulações sobre os ataques que o funcionamento mental desfere contra si ao negar sua própria realidade, não aprender com as experiências, alucinar. São recursos para evitar dor e sofrimento que poderiam advir do próprio pensar, tanto em si como em seu redor, mas o apelo recorrente a tais recursos acarreta também o isolamento e a incapacidade de sentir prazer. São ataques que ultrapassam, e muito, aqueles ligados às necessidades da própria sobrevivência; apontam para a busca de um jorro de gozo alucinado. Essa é uma luta permanente, e dela não vamos nos libertar; mas ganhando algumas batalhas, aqui e ali, poderemos sobreviver e viver mais amadurecidos para enfrentar os ataques perturbadores vindos de fora e de dentro de nós.

Em *Uma memória do futuro*, Bion (1974) escreveu o seguinte, através da personagem Psicanalista: “P. A. – ‘Camisa de força’, ‘louco’, ‘psicótico’ – tudo isso se associa para confinar a Mente Perturbadora de tal forma que não perturbe a paz de nossas Belas Adormecidas ou nosso ‘belo sono’” (p. 74).

Vamos dar apenas mais um nome ao que estamos vivendo – “pandemia”, “falta de organização mundial”, “China”, “desmatamento”, “genocídio” – nos confortando com explicações ou jargões que cumprem uma função de certo modo apaziguadora? Será isso imunidade? Ou vamos ler e sentir os fatos disponíveis, dentro e fora de nós, como sementes que nos revelam e permitem seguir pensando como seres humanos? Se não agora, quando?

A vida nada mais é do que uma sombra que passa, um pobre histrião que se pavoneia e se agita uma hora em cena, e depois, não mais se ouve dele. É uma história contada por um idiota, cheia de fúria e tumulto, nada significando. (Shakespeare, 1607/1969, p. 523)

La pandemia y el eterno retorno

Resumen: Por medio de algunas notas, el autor se propone a realizar un examen, con referencias psicoanalíticas, de lo que observa en el actual período de pandemia provocada por el Sars-CoV-2. Estas notas señalan algunos elementos invariables, que los identifica en la condición humana, tanto en los períodos anteriores como durante la pandemia.

Palabras clave: escisión, pandemia, invariables psicoanalíticas, dolor mental, desmoronamiento psíquico

The pandemic period and the eternal coming back

Abstract: By means of some notes, the author proposes to carry out an investigation with a psychotextanalytical framework of aspects he has been able to observe in the current period of pandemic caused by the Sars-CoV-2. These notes point out to some invariant elements that he identifies in the human condition,

both in previous periods and during the pandemic one.

Keywords: caesura, pandemic, psychoanalytic invariant, mental pain, psychic collapse

Referências

- Arendt, H. (1989). *As origens do totalitarismo*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1951)
- Bion, W. R. (1962). *O aprender com a experiência*. Imago.
- Bion, W. R. (1974). *Uma memória do futuro: Vol. 2: o passado apresentado*. Imago.
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1942)
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações*. Imago. (Trabalho original publicado em 1991)
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 21. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)* (pp. 66-149). Imago. (Trabalho original publicado em 1929)
- Hobbes, T. (2020). *Leviatã*. Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 1951)
- Milton, J. (2015). *Paraíso perdido*. Editora 34. (Trabalho original publicado em 1667)
- Muscillo, A. (2020, 21 de abril). La tragedia de Freud en una pandemia, que le cambió su teoría. *Clarín*. <https://bit.ly/3zvXlnz>
- Shakespeare, W. (1969). Macbeth (c. 1603-1607). In *Obra completa* (Vol. 1). Companhia José Aguilar. (Trabalho original publicado em c. 1603-1607)
- Simas, L. A. [@simas_luiz]. (2021, 28 de março). *Diante da morte do Brasil só nos resta, paradoxalmente, a vida. Viver é a nossa mais subversiva tarefa* [Tuite]. Twitter. <https://bit.ly/3fSeSys>

Julio Frochtengarten

Endereço: Av. Brigadeiro Faria Lima, 2413, cjto. 162. São Paulo/SP.
CEP: 01452-000
Tel.: (11) 97623-1807
E-mail: juliofro@uol.com.br